

Distribuição espacial e perfil epidemiológico das notificações da violência contra a mulher em uma cidade do nordeste brasileiro

Space distribution and epidemiological profile of notifications of violence against a woman in a city of northeast of Brazil
Distribución espacial y perfil epidemiológico de las notificaciones de la violencia contra la mujer en una ciudad del nordeste brasileño

Gustavo Correia Basto da **SILVA**¹
Waleska Fernanda Souto da **NÓBREGA**¹
Osires de Medeiros **MELO NETO**²
Renata de Souza Coelho **SOARES**³
Ricardo Alves de **OLINDA**⁴
Alessandro Leite **CAVALCANTI**³
Sérgio d'Ávila Lins Bezerra **CAVALCANTI**³

¹Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 58429-500 Campina Grande - PB, Brasil

²Departamento de Engenharia Civil. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. 58429-900 Campina Grande - PB, Brasil

³Departamento de Odontologia. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 58429-500 Campina Grande - PB, Brasil

⁴Departamento de Estatística. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 58429-500 Campina Grande - PB, Brasil

Resumo

Objetivo: verificar a distribuição espacial e o perfil epidemiológico dos casos notificados da violência contra a mulher em um município do nordeste brasileiro, no biênio 2012-2013. Metodologia: foi realizado um estudo transversal, de base populacional, quantitativo, descritivo, no município de Campina Grande – PB, com base nas notificações da violência junto ao SINAN. O instrumento para a coleta dos dados foi construído com base nos campos disponíveis para as respostas da ficha de notificação, dividido em sete blocos. A análise estatística dos dados foi desenvolvida baseando-se em frequências absolutas e relativas, sendo construído um gráfico de espalhamento de Moran a fim de verificar a distribuição espacial da violência nos bairros de Campina Grande. As análises foram realizadas com auxílio do software estatístico R (RStudio) Resultados: Foram analisadas 109 notificações de violência contra a mulher. Prevaleram mulheres adultas, não gestantes, pardas, com baixa escolaridade. Houve predominância da violência psicológica e física. Os bairros mais afetados pela violência foram Velame, Malvinas, Bodocongó, Dinâmica, Santa Rosa, Centenário, Catolé e José Pinheiro. Conclusão: foi possível traçar o perfil mais envolvido com a violência contra a mulher na cidade de Campina Grande, devendo ser voltado um olhar mais atencioso à violência doméstica, sobretudo entre pares, com o objetivo de encorajar essas mulheres a denunciarem violências vivenciadas.

Descritores: Violência; Notificação de Abuso; Prevalência.

Abstract

Objective: To verify the spatial distribution and epidemiological profile of reported cases of violence against women in a municipality in the Brazilian Northeast in the biennium 2012-2013. Methodology: a cross - sectional, population - based, quantitative, descriptive study was carried out in the city of Campina Grande - PB, based on reports of violence with SINAN. The instrument for data collection was constructed based on the fields available for the responses to the notification sheet, divided into seven blocks. The statistical analysis of the data was developed based on absolute and relative frequencies, and a spreading chart was constructed from Moran to verify the spatial distribution of violence in the neighborhoods of Campina Grande. The analyzes were carried out using statistical software R (RStudio). Results: A total of 109 reports of violence against women were analyzed. Prevalence of adult women, not pregnant women, brown women, with low schooling. There was a predominance of psychological and physical violence. The neighborhoods most affected by violence were Velame, Malvinas, Bodocongó, Dinâmica, Santa Rosa, Centenário, Catolé and José Pinheiro. Conclusion: it was possible to trace the profile more involved with violence against women in the city of Campina Grande, and a more attentive look at domestic violence, especially among peers, should be taken to encourage these women to report violence experienced.

Descriptors: Violence; Mandatory Reporting; Prevalence.

Resumen

Objetivo: verificar la distribución espacial y el perfil epidemiológico de los casos notificados de la violencia contra la mujer en un municipio del nordeste brasileño, en el bienio 2012-2013. Metodología: se realizó un estudio transversal, de base poblacional, cuantitativo, descriptivo, en el municipio de Campina Grande - PB, con base en las notificaciones de la violencia junto al SINAN. El instrumento para la recolección de datos fue construido sobre la base de los campos disponibles para las respuestas de la ficha de notificación, dividido en siete bloques. El análisis estadístico de los datos fue desarrollado basándose en frecuencias absolutas y relativas, siendo construido un gráfico de dispersión de Moran para verificar la distribución espacial de la violencia en los barrios de Campina Grande. Los análisis se realizaron con ayuda del software estadístico R (RStudio) Resultados: Se analizaron 109 notificaciones de violencia contra la mujer. Prevalen mujeres adultas, no gestantes, pardas, con baja escolaridad. Hubo predominio de la violencia psicológica y física. Los barrios más afectados por la violencia fueron Velame, Malvinas, Bodocongó, Dinámica, Santa Rosa, Centenario, Catolé y José Pinheiro. Conclusión: fue posible trazar el perfil más involucrado con la violencia contra la mujer en la ciudad de Campina Grande, debiendo ser mirado más atento a la violencia doméstica, sobre todo entre pares, con el objetivo de alentar a esas mujeres a denunciar violencias vivenciadas.

Descritores: Violencia; Notificación Obligatoria; Prevalencia.

INTRODUÇÃO

As causas externas ocupam o terceiro lugar entre as principais causas de morte no Brasil, sobretudo quando é evidenciada a faixa etária dos adultos jovens. No período de 2000 a 2010, foram registradas mais de 1,4 milhões de mortes relacionadas a essas causas, dentre as quais, 38% corresponderam aos homicídios, seguidos dos acidentes de transportes¹.

Haagsma et al.², em um estudo de Carga Global de Doença referente ao ano de 2013 – no qual foi realizada uma quantificação sistemática da

incapacidade e mortalidade no mundo, entre os anos de 1990 e 2013 - estimaram mais de 900 milhões de feridos e 4,8 milhões de mortes resultantes de acidentes e violência, acarretando efeitos físicos e psicológicos deletérios para a vítima e seus respectivos familiares.

O perfil da vítima da violência no Brasil caracteriza-se como homens jovens, sobretudo negros, moradores de periferias e pertencentes à baixa camada social. Quanto à região geográfica com maiores taxas de homicídios, entre 1990 e 2015,

destacaram-se as regiões norte e nordeste, especificamente os estados de Pernambuco e Alagoas, ao contrário do que foi registrado em São Paulo, onde se observou uma redução de 40,9%¹.

Os profissionais de saúde detêm, além da responsabilidade do cuidado integral às vítimas, a obrigatoriedade da notificação dos casos suspeitos ou confirmados de violência por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), o qual fornece informações indispensáveis para subsidiar a formulação de políticas que anseiam pela redução da mortalidade por violência³.

Os dados referentes à violência são registrados no Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (SINAN-VIVA), gerido pelo Ministério da Saúde, por meio de informações coletadas na Ficha de Notificação/Investigação Individual (FNI) de Violência Doméstica, Sexual e/ou outras Violências (FNI), a qual deve ser devidamente preenchida pelos profissionais de saúde nas unidades de origem⁴.

Diante desse cenário, Rates et al.⁵ ressaltaram a importância desses instrumentos para a construção do conhecimento da problemática a respeito da distribuição da violência no território brasileiro, com o intuito de diagnosticar as áreas de maior vulnerabilidade social e, dessa forma, ser capaz de guiar ações de saúde capazes de serem potenciais ferramentas na melhoria da qualidade de vida da população.

Conceitua-se a estatística espacial como um conjunto de estudos quantitativos, cujos fenômenos estudados se localizam espacialmente, possuindo localizações específicas, fator principal que a diferencia das demais técnicas da estatística⁶.

A utilização da estatística espacial em saúde pública está cada vez mais crescente por ser possível gerar dados consistentes na perspectiva de subsidiar políticas públicas voltadas à prevenção e controle da violência e demais problemas de saúde⁷.

Várias são as técnicas empregadas pela estatística espacial. Dentre elas, destaca-se a autocorrelação espacial, apresentando níveis de similaridade, correlação, proximidade e aleatoriedade dos valores quantitativos amostrais representados. Neste tipo de análise são bastante utilizados os mapas de Cluster, que simbolizam as informações geográficas agrupadas em valores próximos⁸.

Diante do observado, objetiva-se verificar a distribuição espacial e o perfil epidemiológico dos casos notificados da violência contra a mulher no biênio 2012-2013, em um município do nordeste brasileiro.

MATERIAL E MÉTODO

Caracteriza-se em um estudo conduzido nos moldes de um delineamento transversal, de base populacional, quantitativo e descritivo. Foi adotada a abordagem indutiva, por se constituir em uma

verificação que partiu de dados particulares para inferir uma verdade universal⁹.

A pesquisa foi desenvolvida entre fevereiro e agosto de 2018, no município de Campina Grande, segunda maior cidade do estado da Paraíba, contendo 51 bairros¹⁰, que possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM 2010) de 0,720 e uma população estimada, para o ano de 2018, acima de 410 mil habitantes, com predomínio do sexo feminino. A coleta dos dados foi realizada no setor de Vigilância Epidemiológica, departamento ligado à Secretaria Municipal de Saúde.

Por se tratar de um estudo censitário, a amostra foi composta por todas as fichas de notificação registradas junto à Vigilância Epidemiológica pelo sistema SINAN-VIVA relacionadas à violência.

Foram incluídas as fichas registradas no SINAN-VIVA dos anos de 2012 e 2013. Como critérios de exclusão, foram eleitas as fichas que não estiverem com o campo Bairro de Ocorrência devidamente preenchido; as que não possuíram identificação quanto à tipologia da violência; quando houve mais de uma notificação do mesmo caso envolvendo a mesma pessoa (duplicidade), sendo excluída uma delas, assim como também serão excluídas as fichas cuja incompletude de informação seja superior a 10%, como preconizado por¹¹.

O instrumento para a coleta dos dados foi construído com base nos campos disponíveis para as respostas da ficha de notificação, dividido em sete blocos, elencando as questões essenciais para o conhecimento do perfil do agressor, da vítima e do evento. Foram coletadas informações contidas em todas as FNI colhidas pela secretaria, obtidas dos órgãos notificadores entre janeiro de 2012 a dezembro de 2013.

Foram verificadas as variáveis seguindo a divisão dos blocos contidos nas Fichas de Notificação/Informação Individuais: (1) dados gerais da ocorrência, compreendidos pelo ano de ocorrência; (2) Notificação individual, relacionada à idade, sexo, período de gestação (quando necessário), raça/cor, escolaridade; (3) dados da residência: endereço (bairro); (4) dados referentes à pessoa atendida: ocupação, estado civil, orientação sexual, tipo de deficiência; (5) dados da ocorrência: local e hora da ocorrência; (6) dados referentes à violência: tipo de violência, meio de agressão; (7) violência sexual, nas devidas ocasiões; (8) dados do possível autor da violência: número de envolvidos, grau de parentesco, sexo do provável autor da violência, uso de álcool, idade do autor; (9) dados referentes ao encaminhamento.

A análise estatística dos dados foi desenvolvida baseando-se em frequências absolutas e relativas por período, nos anos estudados. Foi construído o gráfico de espalhamento de Moran a fim

de verificar a distribuição espacial da violência nos bairros de Campina Grande. No mapa, os bairros foram classificados conforme quatro quadrantes - respeitando a disposição geoespacial do município - identificados por cores diferentes, de acordo com os valores gerados pelos Índices Locais de Moran e os gráficos de espalhamento de Moran.

As análises foram realizadas com auxílio do software estatístico R (RStudio), por meio dos pacotes: *Maptools*, *sp*, *spdep*, *classInt*, *RColorBrewer*¹². Esta pesquisa seguiu os pré-requisitos estabelecidos pela Resolução 466/2012 CNS/MS, sendo submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa e aprovada por meio do registro CAAE 87862318.1.0000.5187.

RESULTADOS

Foram analisadas 109 notificações de violência contra a mulher registradas no SINAN em Campina Grande, entre 2012 e 2013. Percebeu-se um aumento de 22,5% das notificações a cada ano. As notificações da violência indicaram um perfil de vítimas no qual prevaleceram mulheres adultas (faixa etária entre 20 e 39 anos) 48,6%, não gestantes 69,7%, de raça autodeclarada branca 43,1%, com nível de escolaridade inferior a oito anos 40,4%, solteiras 47,7%, assim como verificado na Tabela 1.

Tabela 1. Notificações da violência contra a mulher segundo as características da vítima

VARIÁVEL	f	%
Faixa etária		
0-12 anos	8	7,3
13 -19 anos	22	20,2
20-39 anos	53	48,6
40 a 60 anos	20	18,3
> 60 anos	6	5,5
TOTAL	109	100
Gestante		
Sim	15	13,8
Idade gestacional ignorada	1	0,9
Não	76	69,7
Não se aplica	14	12,8
Ignorado	3	2,8
TOTAL	109	100
Raça		
Branca	47	43,1
Preta	11	10,1
Parda	46	42,2
Ignorado	5	4,6
TOTAL	109	100
Escolaridade		
Analfabeta	2	1,8
Ens. fund. incompleto	44	40,4
Ens. fund. completo	13	11,9
Ensino médio	22	20,2
Ensino superior	12	11,0
Ignorado	16	14,7
TOTAL	109	100
Estado Civil		
solteira	52	47,7
casada/união consensual	38	34,9
viúvo	3	2,8
separado	10	9,2
ignorado	6	5,5
TOTAL	109	100

Com relação às características da ocorrência da violência, as notificações demonstraram, dentre as mais variadas formas, predominância da violência psicológica (25,7%). Nos casos em que o evento se apresentou de forma dicotomizada, as formas “Física/Psicológica” prevaleceram (31,2%).

A ameaça configurou o meio mais utilizado para a perpetração da violência (35,8%), quando na forma isolada. Em conjunto com a força corporal, a ameaça permeou 29,4% das notificações (Tabela 2).

Como podem ser observadas na Tabela 3, as variáveis identificadoras do provável autor da violência mostraram um perfil predominante do sexo masculino (85,3%), onde em 90,8% dos casos apenas um indivíduo esteve envolvido na ação, sem uso do álcool pelo autor (48,6%).

Tabela 2. Notificações da violência contra a mulher segundo as características da ocorrência

VARIÁVEL	f	%
Tipo de violência		
Física	5	4,6
Psicológica/Moral	28	25,7
Sexual	10	9,2
Negligência/Abandono	1	0,9
Física/Psicológica	34	31,2
Física/Sexual	4	3,7
Física/Psicológica/Tortura	2	1,8
Física/Psicológica/Tortura/Sexual	11	10,1
Sexual/Psicológica/Tortura	6	5,5
Sexual/Psicológica	1	0,9
Física/Psicológica/Sexual	6	5,5
Psicológica/Negligência	1	0,9
TOTAL	109	100
Meio de agressão		
Força corporal/Espancamento	14	12,8
Enforcamento	1	0,9
Objeto perfuro-cortante	3	2,8
Arma de fogo	3	2,8
Ameaça	39	35,8
Força/Ameaça	32	29,4
Força/Enforcamento	10	9,2
Ignorado	7	6,4
TOTAL	109	100
Hora da ocorrência		
Manhã	31	28,4
Tarde	25	22,9
Noite	31	28,4
Madrugada	6	5,5
Ignorado	16	14,7
TOTAL	109	100
Local de ocorrência		
Residência	84	77,1
Escola	1	0,9
Local de prática esportiva	1	0,9
Bar/similar	1	0,9
Via pública	14	12,8
Comércio	1	0,9
Outros	4	3,7
Ignorado	3	2,8
TOTAL	109	100

Tabela 3. Notificações da violência contra a mulher segundo as características do provável autor

VARIÁVEL	f	%
Sexo do autor		
Masculino	93	85,3
Feminino	10	9,2
Ambos os sexos	5	4,6
Ignorado	1	0,9
TOTAL	109	100
Número de envolvidos		
Um	99	90,8
Mais de um	10	9,2
TOTAL	109	100
Grau de parentesco		
Pai	10	9,2
Mãe	2	1,8
Padrasto	3	2,8
Cônjuge	28	25,7
Ex-cônjuge	13	11,9
Filho	8	7,3
Irmão	7	6,4
Namorado	4	3,7
Amigos/Conhecidos	6	5,5
Desconhecidos	22	20,2
Outros	5	4,6
Ignorado	1	0,9
TOTAL	109	100
Uso de álcool		
Sim	47	43,1
Não	53	48,6
Ignorado	9	8,3
TOTAL	109	100

Identificando o grau de parentesco dos prováveis autores da violência, destacaram-se os cônjuges (25,7%) e os desconhecidos (20,2%). De forma ilustrativa e com o objetivo de identificar os bairros, a Figura 1 apresenta o mapa da cidade com os respectivos nomes dos bairros.

O padrão espacial da violência no município de Campina Grande apontou maior prevalência nos bairros do Velame, Malvinas, Bodocongó,

Dinamérica, Santa Rosa, Centenário, Catolé e José Pinheiro, como pode ser visualizado na Figura 2.

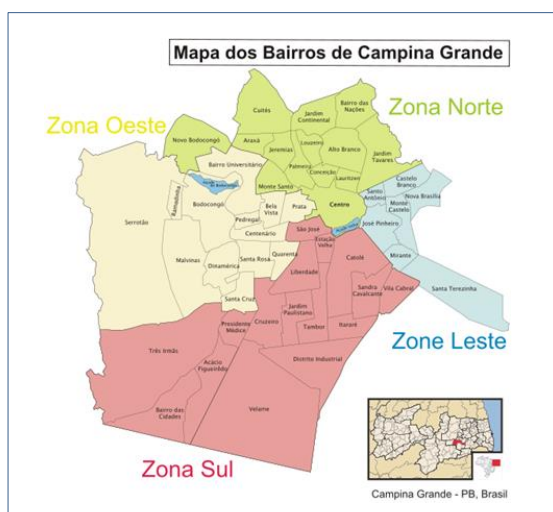


Figura 1: Mapa do município de Campina Grande-PB, Brasil.

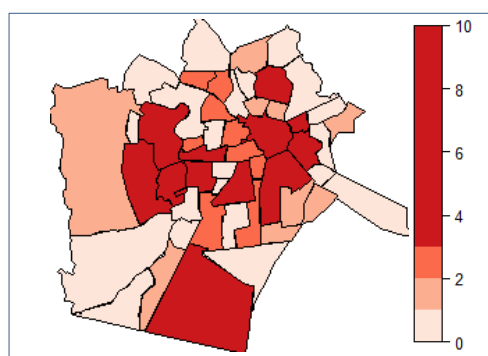


Figura 2: Distribuição espacial da violência no município de Campina Grande-PB, Brasil.

DISCUSSÃO

A violência contra a mulher tornou-se um fenômeno bastante discutido no campo científico por se tratar de um problema alarmante de Saúde Pública no mundo, graças ao seu poder ameaçador à sociedade, uma vez que provoca inúmeras injúrias físicas e psicológicas para a vítima e pessoas mais próximas¹³. Embora a literatura apresente, constantemente, pesquisas observacionais voltadas à prevalência da violência no Brasil, os achados apresentados neste artigo podem ser considerados pioneiros a nível regional, utilizando o banco de dados do SINAN, tendo em vista a possibilidade de apresentar dados estatísticos de forma mais visível, além de proporcionar a observação da influência de determinadas localidades sobre outras, em se tratando de proximidade.

Está bastante consolidado na literatura¹⁴ o predomínio de cada tipologia específica da violência em cada faixa etária. A negligência e a violência física estão mais associadas, na maioria das vezes, às crianças menores de um ano, visto a total dependência dessas aos seus cuidadores, ocasionadas devido a episódios de irritabilidade. Em crianças maiores de um ano, a mudança do cenário aponta para maior frequência da violência física e sexual,

estando o corpo da criança em posição de evidência no sentido da sexualização. A faixa etária relacionada aos adolescentes e adultos aparece como a mais atingida pela violência psicológica, seguida da física e sexual, podendo estar relacionadas aos conflitos sociais inerentes a essas faixas etárias, sobretudo relacionados à sexualidade e gênero, renda, relacionamentos amorosos e prática de atos ilícitos. Os resultados dessa pesquisa revelaram uma alta prevalência da violência na faixa etária dos adultos jovens e dos adolescentes, corroborando com outros achados^{15,16}.

Algumas condições permitem que as mulheres estejam mais expostas às diversas formas da violência, como o período gestacional. A violência perpetrada contra as gestantes tem sido fator preocupante em todo o mundo, pois, além de injuriar a mãe, causa sofrimento fetal. Esta pesquisa relevou uma baixa prevalência da violência em gestantes, destoando do que foi encontrado em Almeida¹⁷, cuja prevalência apresentada no estudo (43,4%) foi considerada alta. Porém, outro estudo também identificou baixa ocorrência do evento nesses públicos¹⁸. Essa baixa prevalência da violência na população gestante pode estar relacionada à quantidade de locais de coleta: por ser unidade de referência, apenas um hospital em Campina Grande notifica dados de violência em gestantes.

As características sociodemográficas que foram identificadas traçaram um perfil no qual houve prevalência de mulheres brancas e pardas, solteiras e possuindo até oito anos de estudos, de acordo com outras pesquisas^{16,19}, sendo importante destacar o impacto gerado pelo nível de escolaridade das vítimas nos casos de violência, ou seja, pessoas com anos de estudos reduzidos tendem a estar mais vulneráveis a sofrerem algum tipo de violência.

A ficha de notificação da violência destina um bloco específico para a caracterização do evento, pontuando aspectos relacionados à identificação da tipologia da violência, local de ocorrência, horário, endereço e outros. Em alguns campos, é facultada ao profissional a possibilidade do preenchimento de mais de uma opção em determinados campos, a exemplo da tipologia da violência e meios de agressão, logo foi frequente a presença de resultados de forma dicotomizada.

Dentre os resultados que categorizaram a violência quanto a sua tipologia, a violência psicológica e a física – na forma dicotomizada – apareceram com maior frequência, como constatado em um estudo realizado no interior paulista¹⁶. Chama atenção a alta frequência da violência psicológica perpetrada contra a mulher, uma vez que esse tipo é frequente tanto na forma combinada quanto isoladamente. Essa alta prevalência pode ser justificada pela predominância de fatores culturais, sobretudo o machismo, ao delinear a imagem

feminina como inferior e subserviente. Por outro lado, a violência física é considerada a forma mais nociva²⁰ por gerar, além de transtornos corpóreos, desarranjos psicológicos muitas vezes irreparáveis.

A força corporal e a ameaça aparecem também em outras pesquisas como os mais empregados^{16,21} nos atos de violência no país. Esses mecanismos mais utilizados para a perpetração da violência, verificados no presente estudo, são coerentes com os tipos de violência mais praticados. O destaque voltado às ameaças pode ser atribuído à questão social dos relacionamentos conflituosos entre pares, nos quais o homem tende a exercer pressão psicológica sobre a mulher, com o intuito de domínio de território ou, até mesmo, a reafirmação do poder, culminando na ratificação da prática da hierarquização dos sexos.

O local de ocorrência pode determinar a gravidade dos mecanismos de ação da violência, já que em ambientes privados o monitoramento da violência é limitado. O presente estudo apontou a residência e a via pública como os principais locais para o desenvolvimento da violência, de acordo com uma pesquisa desenvolvida na região sul do Brasil²² que traçou o perfil da violência em indivíduos de várias faixas etárias. Nessa perspectiva, torna-se preocupante essa alta prevalência da violência doméstica, já que é percebida uma fragilização das denúncias e acompanhamentos dos casos notificados muitas vezes pelo medo vivenciado pela vítima em realizar a denúncia. O horário de ocorrência da violência não apresentou diferença considerável, provavelmente pelo fato de que a maioria das notificações terem identificado a residência como local de acometimento e não as vias públicas, pelo fato de maior circulação de pessoas nos períodos diurnos.

Com relação ao perfil do provável autor da violência, assim como em outros achados^{19,23}, esta pesquisa identificou o sexo masculino na grande maioria dos casos, reafirmando a questão social que tange as desigualdades de gênero. Semelhante a outros resultados^{23,24}, houve maior identificação de agressores do meio intrafamiliar e desconhecidos. A violência intrafamiliar contribui para a dificuldade da notificação e, conseqüentemente, uma efetiva investigação dos casos.

O uso do álcool pelos possíveis autores da violência revela a influência de substâncias químicas na incidência de casos, tendo visto o poder que o álcool e outras drogas exercem sobre a modificação da personalidade do indivíduo. O presente estudo, no que se refere ao uso do álcool pelo provável autor, é dissonante da maioria dos demais estudos sobre violência.

Em se tratando da estatística espacial, alguns bairros ganharam destaque pela maior frequência de acontecimentos violentos, assim como visto em outra

pesquisa realizada na mesma cidade²⁵, em anos anteriores. Pode-se inferir a permanência desses agravos nos mesmos bairros com o passar do tempo, havendo a necessidade de ações que busquem o combate da violência nessas áreas vulneráveis. O que chama atenção é a alta prevalência da violência no bairro do Catolé, tido como local de classe média alta, onde estão localizadas duas delegacias de polícia.

Como limitações inerentes ao estudo, destacam-se as relacionadas ao delineamento transversal – inviabilidade de estabelecer relação causal, viés de memória, subnotificação e incompletude dos dados causados por falta de sensibilização ou treinamento profissional adequado – além do distanciamento do pesquisador dos participantes do estudo.

Todavia, pesquisas com essas características são valiosas por contribuir de forma confiável com a caracterização dos aspectos relacionados à violência, fundamental para a formulação de políticas públicas voltadas ao seu enfrentamento, além de conceber maior visibilidade a essa temática.

CONCLUSÃO

Por meio do observado, foi possível traçar o perfil mais envolvido com a violência contra a mulher na cidade de Campina Grande, identificando mulheres adultas, não gestantes, de cor parda, solteiras e com baixo nível escolar. Deve ser voltado um olhar mais atencioso à violência doméstica, sobretudo entre pares, com o objetivo de encorajar essas mulheres a denunciarem violências vivenciadas, além de lhes assegurar proteção com mais firmeza.

Substancialmente, os dados aqui apresentados podem gerar reflexões quanto à necessidade do desenvolvimento de ações educativas que abordem temas específicos sobre violência de gênero, envolvendo profissionais de saúde, educação, assistência social, da justiça e demais populares. Com isso, são levadas informações necessárias à população no sentido dos direitos reservados às vítimas, assim como informações aos profissionais no intuito de subsidiar tomadas de decisão diante dessas ocasiões.

REFERÊNCIAS

1. Malta DC, Minayo MCS, Soares Filho AM, Silva MMA, Montenegro MMS, Ladeira RM et al. Mortalidade e anos de vida perdidos por violências interpessoais e autoprovoçadas no Brasil e Estados: análise das estimativas do Estudo Carga Global de Doença, de 1990 e 2015. *Rev bras epidemiol.* 2017;20(suppl 1):142-56.
2. Haagsma JA, Graetz N, Bolliger I, Naghavi M, Higashi H, Mullany EC et al. The global burden of injury: incidence, mortality, disability-adjusted life years and time trends from the Global Burden

- of disease study 2013. *Inj Prev*. 2016;22(1):3-18.
3. Silva LEL, Oliveira MLC. Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. *Epidemiol Serv Saúde*. 2016; 25(2):331-42.
 4. Santos TMB, Cardoso MD, Pitangui ACR, Santos YGC, Paiva SM, Melo JPR et al. Completitude das notificações de violência perpetrada contra adolescentes em Pernambuco, Brasil. *Ciênc saúde coletiva*. 2016;21(12):3907-16.
 5. Rates SMM, Melo EM, Mascarenhas MDM, Malta DC, et al. Violence against children: an analysis of mandatory reporting of violence, Brazil 2011. *Ciênc saúde coletiva*. 2015; 20(3):655-65.
 6. Assunção RM. Statistical assessment of câncer cluster evidence – in search of a middle ground. *International. J Epidemiol*. 2013;42(2):453-55.
 7. Mendonça MFS, Silva APSC, Castro CCL. A spatial analysis of urban transit accidents assisted by Emergency Mobile Care Service: an analysis of space and time. *Rev Bras Epidemiol*. 2017;20(4):727-41.
 8. Bivand R, Piras G. Comparing implementations of estimation methods for spatial econometrics. *J Stat Softw*. 2015;63(18):1-36.
 9. Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos da Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2003.
 10. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017 Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400> Acesso em: 10/09/2018
 11. Romero DE, Cunha AB. Avaliação da qualidade das variáveis epidemiológicas e demográficas do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos, 2002. *Cad Saúde Pública*. 2007;23(3):701-14.
 12. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <http://www.R-project.org/>. 2014.
 13. Carter PM, Walton MA, Goldstick J, Epstein-Ngo QM, Zimmerman MA, Mercado MC et al. Violent firearm-related conflicts among high-risk youth: An event-level and daily calendar analysis. *Prev Med*. 2017;102:112-19.
 14. Deslandes SF, Assis SG, Santos NC. Violência envolvendo crianças no Brasil: um plural estruturado e estruturante. In: Brasil. Ministério da Saúde (MS), organizador. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: MS; 2005. p. 43-78.
 15. Assis SG, Avanci JQ, Pesce RP, Pires TO, Gomes DL. Notificações de violência doméstica, sexual e outras violências contra crianças no Brasil. *Ciênc saúde colet*. 2012;17(9):2305-17.
 16. Bozzo ACB, Matos GC, Beraldi LP, Souza MD. Violência doméstica contra a mulher: caracterização dos casos notificados em um município do interior paulista. *Rev enferm UERJ*. 2017; 25:e11173.
 17. Almeida FSJ, Coutinho EC, Duarte JC, Chaves CMB, Nelas PAB, Amaral OP et al. Domestic violence in pregnancy: prevalence and characteristics of the pregnant woman. *J Clin Nurs*. 2017;26(15-16):2417-25.
 18. Koenig LJ, Whitaker DJ, Royce RA, Wilson TE, Ethier K, Fernandez I. Physical and sexual violence during pregnancy and after delivery: a prospective multistate study of women with or at risk for HIV infection. *Am J Public Health*. 2006;96(6):1052-59.
 19. de Macedo Bernardino I, Santos LM, Ferreira AVP, de Almeida Lima TLM, da Nóbrega LM, d'Avila S. Intimate partner violence against women, circumstances of aggressions and oral-maxillofacial traumas: A medical-legal and forensic approach. *Leg Med (Tokyo)*. 2018;31:1-6.
 20. Minayo MCS. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: Sousa ER, organizadores. Curso impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 24-35.
 21. Veloso MMX, Magalhães CMC, Dell'Aglio DD, Cabral IR, Gomes MM. Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. *Ciênc saúde colet*. 2013;18(5):1263-72.
 22. Cezar PK, Arpini DM. Registros de notificação compulsória de violência envolvendo crianças e adolescentes. *Psicol ciênc prof*. 2017;37(2):432-45.
 23. Sena CA, Silva MA, Falbo Neto, GH. Incidência da violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012-2013. *Ciênc saúde colet*. 2018;23(5):1122-24.
 24. Oliveira JR, Costa COM, Amaral MTR, Santos CA, Assis SG, Nascimento OC. Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. *Cien saude colet*. 2014;19(3):759-71.
 25. Bezerra KS, Araújo Neto F. A violência doméstica contra a mulher no município de Campina Grande – PB. *Rev Dat@venia*. 2014; 6(1):10-15.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

AUTOR PARA CORRESPONDENCIA

Gustavo Correia Basto da Silva
gugacorreia@gmail.com

Submetido em 26/11/2018

Aceito em 12/03/2019